

## **A HEGEMONIA DOS ESTADOS UNIDOS NO PRIMEIRO GOVERNO OBAMA**

Latoya Cristina FERRAZ<sup>1</sup>; Eduardo Lucas Vasconcelos CRUZ<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Centro Universitário Lusíada – Curso de Relações Internacionais, latoyaferraz@gmail.com;

<sup>2</sup> Centro Universitário Lusíada – Curso de Relações Internacionais, eduardocruz\_28@yahoo.com

### **Introdução**

O objetivo deste trabalho é verificar se a influência dos EUA no cenário internacional aumentou ou declinou durante o governo Obama. Para tanto, busca comparar sua política externa com a do governo Bush e descrever como outras nações reagiram a ambas, apoiando as iniciativas norte-americanas ou resistindo a elas. A importância do tema decorre das discussões em torno da hegemonia dos EUA e do seu possível fim, seja em razão dos erros da administração norte-americana, seja em virtude da ascensão de países capazes de obstar e neutralizar suas iniciativas, o que levaria o cenário internacional de volta a um sistema de equilíbrio de poder pluripolar. Barack Obama assumiu o cargo cercado de expectativas quanto às medidas que adotaria. Muitos acreditavam que o 44º Presidente dos EUA repararia os erros do seu antecessor.

O governo Bush era visto como unilateralista, na medida em que conduzia ações militares sem o aval do Conselho de Segurança da ONU e descartava a possibilidade de que qualquer nação permanecesse neutra naquilo que denominava guerra contra o terrorismo, ou seja, a administração norte-americana consideraria inimigo qualquer país que se recusasse a apoiá-la na sua caçada às organizações que ameaçavam a segurança dos EUA. Barack Obama, por sua vez, sinalizou em sua campanha eleitoral que valorizaria as deliberações multilaterais no âmbito da ONU e trabalharia para recompor as relações entre os EUA com nações aliadas do Ocidente.

O prestígio dos EUA declinou na última década. Os fatos ocorridos no governo Bush desgastaram a imagem do país perante a opinião pública internacional; ao mesmo tempo, surgiram governos menos dóceis às pretensões norte-americanas na Ásia e na América Latina.

Por conseguinte, a responsabilidade pelo desgaste da posição dos EUA no cenário internacional não pode ser atribuída exclusivamente ao governo Obama, nem ao legado deixado pela administração anterior. Fatores externos também contribuem para este fenômeno, já que vários países têm buscado um papel mais expressivo na economia mundial. Dentre os mais relevantes países neste quadro de emergentes temos os BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), que cada dia mais formalizam e intensificam os laços.

### **Governo Bush**

Nos oito anos deste governo, a política externa dos EUA assumiu uma feição unilateralista, na medida em que Washington preferiu agir à margem das decisões pactuadas no âmbito da ONU quando estas não contemplavam seus interesses. Pode-se citar numerosos exemplos desta postura. Em julho de 2001, os EUA negaram-se a aderir ao Protocolo de Kyoto, por força do qual os países signatários assumiam o compromisso de reduzir suas emissões de gases que contribuem para o agravamento do efeito-estufa. No mesmo ano, os EUA abandonaram a mesa de negociações da 5ª Conferência de Revisão da CPAB (Convenção para a Proibição de Armas Biológicas), na qual discutia-se a adoção de mecanismos de verificação destinados a atestar o cumprimento do referido acordo.

A orientação nacionalista da política externa republicana acentuou-se após os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, a partir de quando a proteção dos cidadãos norte-americanos ganhou preeminência sobre quaisquer considerações de outra natureza. Nesta linha, em 2002 os EUA recusaram-se a assinar o Estatuto de Roma, que conferia ao recém-criado TPI (Tribunal Penal Internacional) a prerrogativa de julgar militares dos países signatários caso estes perpetrassem crimes de guerra ou crimes contra a humanidade. Em 2003 sobreveio outra manifestação de unilateralismo da política externa norte-americana, quando os EUA invadiram o Iraque sem aval do Conselho de Segurança da ONU, sob a alegação de que o país estava produzindo armas químicas clandestinamente.

Embora todos estes episódios tenham desgastado a imagem dos EUA no Exterior, Bush foi reeleito em 2004 com 50,7% dos votos. Seu segundo mandato foi igualmente caracterizado por ações que despertaram suspeita de outras nações.

### **Primeiro mandato de Obama**

Barack Hussein Obama iniciou seu mandato em 20 de janeiro de 2009, sendo o 44º Presidente dos EUA, sendo também seu primeiro Chefe de Estado afro-americano e nascido no Havaí. “Nós sobrepujamos a esperança ao medo”, declarou ele aos seus eleitores ao tomar posse.

Seu primeiro foi marcado por imensas expectativas com relação às medidas que adotaria. Obama assumiu o cargo em um período delicado, economicamente e politicamente. Desde o início, foi pressionado a modificar as diretrizes do seu antecessor, a fim de melhorar a imagem do país no Exterior. A crise financeira global foi um de seus primeiros focos de ação, assim como a libertação gradual dos prisioneiros detidos em Guantánamo.

Em seu primeiro mandato, o Presidente encetou negociações com a Rússia visando a redução dos arsenais nucleares, motivo pelo qual ganhou em 2009 o Nobel da Paz por seus “esforços extraordinários para fortalecer a diplomacia internacional e a cooperação entre os povos”. Também empenhou-se em reativar a economia e reformar o sistema de saúde.

A política externa foi reorientada para o estabelecimento de relações com Cuba e o fechamento do campo de prisioneiros existente na base naval de Guantánamo. Elaborou-se um plano para concluir as missões de combate no Iraque e no Afeganistão, a fim de repatriar as tropas norte-americanas que ali se achavam aquarteladas. Até certo ponto, seu governo reconduziu os EUA ao multilateralismo, na medida em que priorizou a utilização de órgãos internacionais como a ONU para solução de conflitos.

Embora seja bem avaliado por boa parte do eleitorado, isso não reverteu a sensação de que a influência norte-americana no mundo tem declinado. Segundo uma pesquisa feita pelo Centro de Pesquisa Pew, apenas 15% dos jovens entre 18 e 29 anos acreditam que os EUA são “o país mais grandioso do mundo”.

Neste novo cenário mundial, segundo a analista Teresa Souza, os desafios de Obama não residem mais em apenas um campo, como foi a corrida espacial EUA-URSS, mas em vários, como investimentos em infraestrutura, energias, inovação, educação e políticas de imigração. Sendo assim, os EUA devem se adaptar a uma nova realidade de liderança mundial.



### **Referências bibliográficas**

CLACK, George (Ed.). Barack Obama 44º Presidente dos Estados Unidos. 2011. Disponível em: <<http://photos.state.gov/libraries/164149/2011/BarackObama-pt-screen.pdf>>. Acesso em: 09 ago. 2015.

JESUS, Diego Santos Vieira de. A crise da potência inteligente: os EUA e a grande estratégia de acomodação no governo Obama. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v22n50/03.pdf>>. Acesso em: 09 ago. 2015.

### **Promoção**

Centro Universitário Lusíada – UNILUS  
Programa de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão do UNILUS - PPGPE  
Comitê Institucional de Iniciação Científica do UNILUS - COIC  
Núcleo Acadêmico de Estudos e Pesquisas em Educação e Tecnologia do UNILUS - NAPET

“Não adianta a gente ficar sentado se preocupando.  
O que tiver que ser será, e nós enfrentaremos quando vier.” Harry Potter